



## PARA LER E GUARDAR...

### A fábrica do poema

sonho o poema de arquitetura ideal  
cuja própria nata de cimento  
encaixa palavra por palavra, tornei-me perito em extrair  
faíscas das britas e leite das pedras.  
acordo;  
e o poema todo se esfarrapa, fiapo por fiapo.  
acordo;  
o prédio, pedra e cal, esvoaça  
como um leve papel solto à mercê do vento e evola-se,  
cinza de um corpo esvaído de qualquer sentido  
acordo, e o poema-miragem se desfaz  
desconstruído como se nunca houvera sido.  
acordo! os olhos chumbados pelo mingau das almas  
e os ouvidos moucos,  
assim é que saio dos sucessivos sonos:  
vão-se os anéis de fumo de ópio  
e ficam-me os dedos estarecidos.  
metonímias, aliteraões, metáforas, oxímoros  
sumidos no sorvedouro.  
não deve adiantar grande coisa permanecer à espreita  
no topo fantasma da torre de vigia  
nem a simulação de se afundar no sono.  
nem dormir deveras.  
pois a questão-chave é:  
sob que máscara retornará o recalçado?

Adriana Calcanhotto e Waly Salomão

### Eu vi o rei

Eu vi o rei chegar  
Eu vi o rei chegar  
Um rei assim  
Que não escuta bem  
Que adora luz  
Mas não vê ninguém  
Prefere olhar



O horizonte, o céu  
Longe daqui  
é tudo seu...  
Eu vi o rei chegar  
Eu vi o rei chegar  
Seu sangue azul  
Ninguém diz de onde vem  
De que sertão  
De que mar, que além  
E para nós  
Ele jamais se abriu  
Só uma vez  
Quando partiu  
Eu vi o rei chegar  
Eu vi o rei chegar  
Um rei assim  
Cultiva solidão  
Sombria flor  
No coração  
E claro é  
Que o pêndulo do amor  
Às vezes vai  
Até a dor  
Eu vi o rei chegar  
Eu vi o rei chegar  
Devo dizer  
Que eu não sofri demais  
Mas devo dizer  
Que acordei  
Mesmo sem ser  
Tudo que eu imaginei  
Devo dizer  
Que eu o amei  
Eu vi o rei chegar  
Eu vi o rei chegar

Marina Lima e Antônio Cícero

**Ode descontínua e remota para flauta e oboé.  
De Ariana para Dionísio.**

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas.  
Voz e vento apenas  
Das coisas do lá fora



E sozinha supor  
Que se estivesses dentro

Essa voz importante e esse vento  
Das ramagens de fora

Eu jamais ouviria. Atento  
Meu ouvido escutaria  
O sumo do teu canto. Que não venhas, Dionísio.  
Porque é melhor sonhar tua rudeza  
E sorver reconquista a cada noite  
Pensando: amanhã sim, virá.  
E o tempo de amanhã será riqueza:  
A cada noite, eu Ariana, preparando  
Aroma e corpo. E o verso a cada noite  
Se fazendo de tua sábia ausência.

II

Porque tu sabes que é de poesia  
Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,  
Que a teu lado te amando,  
Antes de ser mulher sou inteira poeta.  
E que o teu corpo existe porque o meu  
Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio,  
É que move o grande corpo teu

Ainda que tu me vejas extrema e suplicante  
Quando amanhece e me dizes adeus.

III

A minha Casa é guardiã do meu corpo  
E protetora de todas minhas ardências.  
E transmuta em palavra  
Paixão e veemência

E minha boca se faz fonte de prata  
Ainda que eu grite à Casa que só existo  
Para sorver a água da tua boca.

A minha Casa, Dionísio, te lamenta  
E manda que eu te pergunte assim de frente:  
A uma mulher que canta ensolarada  
E que é sonora, múltipla, argonauta  
Por que recusas amor e permanência?

IV

Porque te amo  
Deverias ao menos te deter



Um instante

Como as pessoas fazem  
Quando veem a petúnia  
Ou a chuva de granizo.

Porque te amo  
Deveria a teus olhos parecer  
Uma outra Ariana

Não essa que te louva

A cada verso  
Mas outra

Reverso de sua própria placidez  
Escudo e crueldade a cada gesto.

Porque te amo, Dionísio,  
é que me faço assim tão simultânea  
Madura, adolescente

E por isso talvez  
Te aborreças de mim.  
(...)

Hilda Hilst. *Poesia: 1959-1979*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1980.

## Uma palavra

Palavra prima  
Uma palavra só, a crua palavra  
Que quer dizer  
Tudo  
Anterior ao entendimento, palavra  
Palavra viva  
Palavra com temperatura, palavra  
Que se produz  
Muda  
Feita de luz mais que de vento, palavra  
Palavra dócil  
Palavra d'água pra qualquer moldura  
Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa  
Qualquer feição de se manter palavra  
Palavra minha  
Matéria, minha criatura, palavra



Que me conduz  
Mudo  
E que me escreve desatento, palavra  
Talvez à noite  
Quase-palavra que um de nós murmura  
Que ela mistura as letras que eu invento  
Outras pronúncias do prazer, palavra  
Palavra boa  
Não de fazer literatura, palavra  
Mas de habitar  
Fundo  
O coração do pensamento, palavra

Chico Buarque

## Cultura

O girino é o peixinho do sapo  
O silêncio é o começo do papo  
O bigode é a antena do gato  
O cavalo é pasto do carrapato  
O cabrito é o cordeiro da cabra  
O peçoço é a barriga da cobra  
O leitão é um porquinho mais novo  
A galinha é um pouquinho do ovo  
O desejo é o começo do corpo  
Engordar é a tarefa do porco  
A cegonha é a girafa do ganso  
O cachorro é um lobo mais manso  
O escuro é a metade da zebra  
As raízes são as veias da seiva  
O camelo é um cavalo sem sede  
Tartaruga por dentro é parede  
O potrinho é o bezerro da égua  
A batalha é o começo da trégua  
Papagaio é um dragão miniatura  
Bactérias num meio é cultura

Arnaldo Antunes



### 3 de maio

Apreendi com meu filho de dez anos  
Que a poesia é a descoberta  
Das coisas que eu nunca vi

Oswald de Andrade. *Poesias reunidas*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

### Sonho de um sonho

Sonhei  
Que estava sonhando um sonho sonhado  
O sonho de um sonho  
Magnetizado  
As mentes abertas  
Sem bicos calados  
Juventude alerta  
Os seres alados  
Sonho meu  
Eu sonhava que sonhava  
Sonhei  
Que eu era o rei que reinava como um ser comum  
Era um por milhares, milhares por um  
Como livres raios riscando os espaços  
Transando o universo  
Limpando os mormaços  
Ai de mim  
Ai de mim que mal sonhava  
Na limpidez do espelho só vi coisas limpas  
Como uma lua redonda brilhando nas grimpas  
Um sorriso sem fúria, entre réu e juiz  
A clemência e a ternura por amor da clausura  
A prisão sem tortura, inocência feliz  
Ai meu Deus  
Falso sonho que eu sonhava  
Ai de mim  
Eu sonhei que não sonhava  
Mas sonhei

Martinho da Vila



## Meu amanhã

Ela é minha delícia  
O meu adorno  
Janela de retorno  
Uma viagem sideral

Ela é minha festa  
Meu requinte  
A única ouvinte  
Da minha radio nacional

Ela é minha sina  
O meu cinema  
A tela da minha cena  
A cerca do meu quintal

Minha meta, minha metade  
Minha seta, minha saudade  
Minha diva, meu divã  
Minha manha, meu amanhã....2x

Ela é minha orgia  
Meu quitute  
Insaciável apetite  
Numa ceia de natal

Ela é minha bela  
Meu brinquedo  
Minha certeza, meu medo  
É meu céu e meu mal

Ela é o meu vício  
E dependência  
Incansável paciência  
E o desfecho final

Minha meta, minha metade  
Minha seta, minha saudade  
Minha diva, meu divã  
Minha manha, meu amanhã....2x

Meu fá, minha fã  
A massa e a maçã  
Minha diva, meu divã  
Minha manha, meu amanhã  
Meu lá, minha lâ  
Minha paga, minha pagã  
Meu velar, meu avelã  
Amor em Roma, aroma de romã



O sal e o são  
O que é certo, o que é sertão  
Meu Tao, e meu tão...  
Nau de Nassau, minha nação.

Lenine

## Capitu

De um lado vem você com seu jeitinho  
Hábil, hábil, hábil  
E pronto!  
Me conquista com seu dom

De outro esse seu site petulante  
www ponto poderosa ponto com

É esse o seu modo de ser ambíguo  
Sábio, sábio  
E todo encanto  
Canto, canto  
Raposa e sereia da terra e do mar  
Na tela e no ar

Você é virtualmente amada amante  
Você real é ainda mais tocante  
Não há quem não se encante

Um método de agir que é tão astuto  
Com jeitinho alcança tudo, tudo, tudo  
É só se entregar, é não resistir, é capitular

Capitu

A ressaca dos mares  
A sereia do sul  
Captando os olhares  
Nosso totem tabu  
A mulher em milhares

Capitu

No site o seu poder provoca o ócio, o ócio  
Um passo para o vício, o vício  
É só navegar, é só te seguir, e então naufragar



Capitu

Feminino com arte  
A traição atraente  
Um capítulo à parte  
Quase vírus ardente  
Imperando no site

Capitu

Luiz Tatit